

Representações do culto imperial no episódio da estátua imperial na narrativa de Atos de Pedro 11

Representations of the Imperial Cult in the episode of the imperial statue in the account of Acts of Peter 11

*José Adriano Filho*¹

RESUMO

No processo de construção de identidade, de uma pertença que transcendia o local, nas interfaces em que as diferenças e identidades eram negociadas, as fronteiras construídas ou destruídas e o outro destacado e exteriorizado como parte de si mesmo, destacam-se as diversas formas em que os diferentes grupos cristãos representados aos Atos Apócrifos dos Apóstolos construíram a sua identidade em relação aos modelos de pertença no contexto imperial. Este artigo apresenta uma destas formas, que pode ser vista no relato da destruição da estátua imperial por um demônio exorcizado por Pedro, a qual, em seguida, é restaurada por seu proprietário Marcelo, um senador romano, com a ajuda da oração e do apóstolo Pedro (*Atos de Pedro* 11). A narrativa tem sido interpretada como indicação de uma atitude contrária ao império e um ataque à legitimidade do culto imperial, mas considerando as relações de patronato social, ela pode também ser vista como indicação das diversas formas em que grupos monoteístas negociavam a sua participação na vida imperial.

¹ José Adriano filho, pós-doutor em Teologia (Princeton Theological Seminary), doutor em Ciências da Religião (UMESP) e em Teoria e História Literária (UNICAMP), professor da Faculdade Unida de Vitória – ES.

PALAVRAS-CHAVE

Atos Apócrifos. Culto Imperial. Patronato Social Romano.

ABSTRACT

In the process of identity construction, and a belonging that transcended the local and in the interfaces the differences and identities were negotiated, the boundaries constructed or destroyed and “the others” highlighted and externalized as part of themselves we can see the different ways Christian groups represented in the Apocryphal Acts of the Apostles built up their identity in relation to the models of belonging in the imperial context. This paper presents one of these forms, which can be seen in the account of the destruction of the imperial statue by a demon exorcised by Peter, which then is restored by its owner Marcelo, a Roman senator, with the help of prayer and the Apostle Peter (Acts of Peter 11). This narrative has been interpreted as an indication of an anti-imperial instance and an attack on the legitimacy of the Imperial Cult, however considering the social patronage relationship, it can also be seen as an indication of the several ways monotheistic groups negotiated their participation in the imperial life.

KEYWORDS

Apocryphal Acts. Imperial Cult. Roman Social Patronage.

No contexto de produção dos *Atos Apócrifos dos Apóstolos* (de João, Paulo, Tomé, André e Pedro) destacam-se as diferentes formas que os diferentes grupos a eles associados construíram a sua identidade em relação aos modelos de pertença no contexto imperial. Havia diversas formas de negociar a participação na vida imperial, seja a aculturação ou oposição, que eram importantes formas de definição da identidade cristã. No processo de construção de identidade, de uma pertença que transcendia o local, nas interfaces em que as diferenças e identidades eram negociadas, as fronteiras construídas ou destruídas e o outro destacado e exteriorizado com parte de si mesmo, destaca-se a forma como os *Atos Apócrifos* lidam com o Império. Uma destas formas pode ser vista no relato de *Atos de Pedro* 11, uma narrativa que apresenta a destruição

de uma estátua imperial por um demônio exorcizado por Pedro, a qual foi restaurada imediatamente por seu proprietário Marcelo, um senador romano, com a ajuda da oração e o apóstolo Pedro². A narrativa tem sido interpretada como indicação de hostilidade para com Império e um ataque à legitimidade do culto imperial. *Atos de Pedro*, no entanto, adapta o episódio ao seu contexto narrativo e oferece-nos algumas indicações do seu significado para alguns grupos cristãos a partir do segundo século d.C., especialmente no que se refere à sua relação com o governo e culto imperial.

O relato da destruição da estátua imperial

Atos de Pedro, cujo contexto narrativo é a cidade de Roma, relata a luta por adeptos entre Simão Mago e o apóstolo Pedro. Pedro estava na Judéia, mas Cristo, num sonho, ordenou que ele fosse à Roma para restaurar

² O episódio é encontrado no *Actus Vercellenses*, um texto escrito em Latim, editado e traduzido em diversos lugares com o nome de *Atos de Pedro*. Há apenas uma cópia dos *Actus Vercellenses*, no manuscrito 158 da Biblioteca Capitolare, em Vercelli, Itália. Há dois pressupostos básicos que dominam a leitura de Atos de Pedro: o primeiro pressuposto é o consenso de que um antigo trabalho chamado Atos de Pedro, a fonte hipotética do *Actus Vercellenses*, foi escrito no segundo século d. C. A evidência externa para a existência de um livro em grego de *Atos de Pedro* é tênue, isto é, caso lido junto com as *Acta Petrina*, isto é, os relatos das obras e o martírio de Pedro, um dos quais é o *Actus Vercellenses*, sugerem que havia relatos distintos inter-relacionados durante o período de formação da sua história. As evidências assinalam que este período de formação tenha sido no terceiro século d.C.. O segundo pressuposto do consenso contemporâneo está baseado na ideia de que a tradução latina do quarto século representa quase que diretamente o texto grego (perdido) original. Não temos acesso à fonte original grega da tradução latina, mas há vários manuscritos que são aceitos como descendentes daquela fonte original grega. Nesse sentido, pode-se considerar que a tradução latina, com toda probabilidade, interferiu de tal forma na sua fonte, de forma que devemos entender o *Actus Vercellenses* como um texto novo e independente, um fato que nos conduz a conclusão de que o *Actus Vercellenses* deve ser interpretado no contexto histórico do tempo da sua tradução, por volta do quarto século d. C., na época do cristianismo latino no Ocidente. THOMAS, Christine M. *The Acts of Peter, Gospel Literature, and the Ancient Novel. Rewriting the Past*. Oxford: Oxford University Press, 2003, p. 14-39; BALDWIN, Matthew C. *Whose Acts of Peter. Text and Historical Context of the Actus Vercellenses*. Tese de doutorado. University of Chicago, 2002.

a comunidade cristã que se apostatara. Pedro atende ao chamado de Cristo e é bem sucedido ao pregar e realizar milagres. O episódio da estátua imperial localiza-se na narrativa logo após a chegada de Pedro a Roma, quando os cristãos romanos lhe contaram que Marcelo hospedara Simão Mago em sua casa. Estas novas são perturbadoras para os cristãos, pois antes desse acontecimento Marcelo, apresentado como um aristocrata benfeitor e uma pessoa que estava incorporada nas relações do patronato social romano, recentemente abandonara a comunidade cristã, após ter sido seduzido por Simão Mago:

[...] Cremos que entre os homens ninguém foi tão sábio quanto Marcelo. Todas as viúvas que esperavam em Cristo nele encontravam refúgio. Todos os órfãos dele recebiam alimento. [...] Todos os indigentes invocavam a Marcelo como protetor, e sua casa era chamada morada dos pobres e forasteiros. O imperador disse-lhe: ‘Mantenho-te afastado de todo encargo para que não espolies as províncias para entregá-las aos cristãos’. Marcelo lhe respondeu: ‘Todos os meus bens são teus’. César lhe respondeu: ‘Seriam meus se tu os conservasses para mim. Mas na realidade não são meus, porque os dás a quem queres, em especial a pessoas de baixo nível. Diante de semelhante comportamento, irmão Pedro, fazemos-te saber que a grande misericórdia deste varão se transformou em blasfêmia. Se este homem não se tivesse transformado, tampouco nós teríamos nos afastado da santa fé em Deus nosso Senhor. Mas agora Marcelo, cheio de ira, está arrependido de tanta beneficência e diz: “Quantas riquezas dilapidadas durante tanto tempo, crendo de forma vã que a gastava para conhecer a Deus”. Chegou a tal extremo que se algum forasteiro se aproxima da porta da sua casa, golpeia-o com o seu bastão e ordena fustigá-lo enquanto afirma: “Oxalá não houvesse gastado tanto dinheiro com esses impostores!” E profere também outras blasfêmias. Mas se há em ti alguma misericórdia de nosso Senhor e da bondade dos seus preceitos, ajuda a sair do erro este personagem que tantas doações fez aos servos de Deus [Atos de Pedro 8].

Simão seduziu a comunidade cristã ao incitá-la a abandonar sua fé. Pedro, então, faz um discurso dramático sobre as tentações do demônio, que pode ter sido provocado pelas notícias da deserção de Marcelo, pois chama Satanás de “lobo devorador” que “rouba as ovelhas que não

são suas e pertencem a Cristo Jesus”³. Pedro estava no átrio da casa de Marcelo, louva a Jesus Cristo e a Deus, grato porque Marcelo parece ter se arrependido, o que incita o riso de um espectador, “no qual havia um demônio malvadíssimo”. Em nome de Jesus Cristo, ordena ao demônio que deixasse o homem sem feri-lo e mostrar-se a todos ali presentes:

Quando terminou de falar, Pedro abraçou Marcelo. Ele se voltou logo para a multidão que o rodeava e viu no meio dela um indivíduo que ria, no qual havia um demônio malvadíssimo. Pedro lhe disse: ‘Manifesta-se de forma clara diante de todos os presentes aquele que riu, quem quer que seja’. Diante destas palavras, um jovem entrou impetuosamente no pátio da casa e, atirando-se contra a parede, disse em voz alta: ‘Pedro, há uma grande discussão entre Simão e o cão que lhe enviaste. Um diz ao outro: ‘Diga que não estou em casa’. [...] Pedro continuou: ‘Tu, demônio, quem quer que sejas, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, sai deste jovem sem absolutamente causar-lhe mal, e manifesta-te aos presentes’. Depois de ouvir estas palavras o demônio saiu do jovem, apanhou uma grande estátua de mármore que estava no átrio da casa e a quebrou, com seus pés. Era uma imagem de César. Ao ver aquilo, Marcelo golpeou-se e disse a Pedro: ‘Uma grande falta foi cometida. Se isso chegar ao conhecimento de César através de alguns curiosos, ele nos castigará duramente’. Pedro respondeu: ‘Há pouco tempo declaravas estar disposto a gastar toda a sua fortuna para salvar a tua alma. Mas se estás verdadeiramente arrependido e crês de todo o coração em Cristo, toma esta água corrente, suplica ao Senhor e borrif-a em seu nome nos restos da estátua, e ela retornará à sua integridade anterior. Marcelo não duvidou nem um instante, mas creu do todo o coração. Antes de tomar a água em suas

³ Gérard Poupon, “Les Actes de Pierre e leur remaniement”. In: ANRW 2.25.6, 1988, p. 4374-4377, afirma que Marcelo é identificado como patrono da comunidade cristã e não como “cristão”. *Atos de Pedro* 10 o apresenta como “apóstata”, uma divergência que, segundo Poupon, indica a atividade editorial do *Actus Vercellenses* e uma reflexão sobre a reintegração dos “caídos” na comunidade cristã. Contudo, é preciso considerar que o patronato de Marcelo apresentado em *Atos de Pedro* 8 é compatível com a identidade cristã. Não há indicação de que Marcelo fosse “cristão” antes deste acontecimento, mas estes elementos textuais indicam essa possibilidade. Não há também em *Atos de Pedro* evidência direta de que Marcelo era politeísta, embora se possa afirmar que essa seria a identificação comum de um senador romano daquela época. Cf. também THOMAS, 2003, p. 90-91.

mãos, levantou os olhos ao céu e disse: ‘Creio, Senhor Jesus Cristo, já que Pedro, teu apóstolo, questiona a firmeza da minha fé em teu santo nome. Tomo, pois, a água em minhas mãos e em seu nome a borriço sobre estas pedras, para que a estátua retorne à sua integridade anterior. Senhor se é a tua vontade que eu continue vivendo e não sofra dano algum da parte de César, que esta pedra volte a sua integridade anterior. A água caiu sobre os fragmentos e a estátua ficou intacta como antes. Pedro ficou orgulhoso de que Marcelo não duvidara em sua petição ao Senhor. Marcelo sentia-se exaltado em seu espírito, pois pela primeira vez havia realizado um milagre por suas mãos. Cria, pois, de todo o coração no nome de Jesus Cristo, filho de Deus, de quem resulta possível todo o impossível [Atos de Pedro 11].

A restauração da estátua imperial é um dos muitos relatos de milagres de *Atos de Pedro*. Há diversas razões para supor que o episódio tem um significado particular para a narrativa. Foi o primeiro milagre realizado por Marcelo e, de forma especial, ele está ligado ao seu retorno à comunidade cristã. Além disso, foi um dos primeiros milagres que Pedro realizou por ocasião de sua chegada a Roma.

Participação na vida imperial ou oposição

O relato da estátua imperial quebrada e restaurada tem sido interpretado de diversas maneiras. Judith Perkins afirma que *Atos de Pedro*, de forma geral, desafia a autoridade imperial romana: “ataca os dois fundamentos de qualquer cultura política”: a deferência para com a autoridade superior e a religião do estado⁴. Com respeito ao episódio da estátua, afirma que ele “esvazia o poder constituído do culto imperial, revelando a natureza real estátua imperial como meras pedras” (*lapides istos*)⁵. Helen Rhee, seguindo a mesma linha de interpretação de Perkins, declara que os Atos Apócrifos, incluindo *Atos de Pedro*, “apresentam a ameaça cristã e o julgamento do império [...] Sua atitude básica para com o império

⁴ PERKINS, Judith. *Suffering Self. Pain and narrative representation in the early Christian era*. London & New York: Routledge, 1995, p. 133.

⁵ PERKINS, Judith. *Suffering Self*, p. 132.

é de confronto com um sistema de valor dualista”⁶. Rhee sustenta que esta posição de confronto ocupa o primeiro plano nos Atos Apócrifos e que eles, de fato, “destacam o caráter revolucionário da lealdade cristã ao reino celestial”, em forte contraste com a lealdade ao império terreno. Para ela, isso pode ser visto na apresentação do conflito entre os apóstolos protagonistas dos *Atos Apócrifos* (e os cristãos por eles instruídos) e as autoridades políticas. Embora se refira aos Atos Apócrifos como um todo, para Rhee não é possível harmonia com o império, pois “os cristãos não podem servir a dois senhores”. Com respeito ao incidente da estátua, afirma que ele “demitologiza [...] o próprio imperador” e vê o ato de destruição da imagem como uma demonstração de hostilidade para com o império⁷.

Ann Graham Block⁸ e Callie Callon⁹ divergem de Perkins e Rhee e interpretam a passagem como uma forma de aproximação ao poder imperial e que o ato de restauração da estátua adequa-se bem ao que parece ser o quadro político positivo abrangente apresentado em Atos de Pedro¹⁰. Callon afirma que o episódio que envolve a destruição da estátua pode ser visto como indicação da acomodação cristã e um engajamento com o governo e a cultura imperial, não hostilidade ao culto imperial. Callon afirma que a maior parte pesquisa parece ter descuidado do fato de que os responsáveis pela destruição da imagem imperial não são Pedro e Marcelo. Um demônio que é hostil tanto a Pedro e Marcelo como à estátua imperial é responsável por tal destruição. Callon afirma que Pedro e Marcelo são apresentados como pessoas que respeitam a imagem do imperador ao restaurá-la; talvez, a indicação mais clara de que a comunidade apresentada em *Atos de Pedro* aceita o governo imperial é o

⁶ RHEE, Helen. *Early Christian Literature. Christ and culture in the second and third centuries*. London: Routledge, 2005, p. 171.

⁷ RHEE, Helen, *Early Christian Literature* 2005, p. 177-178.

⁸ BLOCK, Anne Graham. “Political Authority and Cultural Accommodation: Social Diversity and in the *Acts of Paul* and *Acts of Peter*”. In: François Bovon; Anne Graham Block; Christopher R. Matthews (eds.). *The Apocryphal Acts of the Apostles*. Cambridge: Harvard University Press, 1999, p. 145-169.

⁹ CALLON, Calie. “Images of the Empire, Imaging the Self: The significance of the Imperial Statue Episode in the Acts of Peter”. *Harvard Theological Review* 106/3, 2013, p. 331-355.

¹⁰ BLOCK, 1999, p. 149-152; CALLON, 2013, p. 336-340.

fato de que a restauração da estátua está ligada à reintegração de Marcelo na comunidade e fé¹¹.

As abordagens de Block e Callon sugerem que *Atos de Pedro* não é hostil ao império e o culto imperial, diferentemente dos outros *Atos Apócrifos* que apresentam tensões entre seus protagonistas e as autoridades imperiais. Callon afirma que uma estrutura dualista de aculturação ou de oposição tem sido utilizada para explicar o texto e a apresentação das diversas formas em que os grupos monoteístas negociavam sua participação na vida imperial pode ajudar-nos a esclarecer este aspecto. A realidade histórica pode ser bem mais matizada, pois quando localizamos a narrativa da estátua em seu contexto composicional – a vida das comunidades religiosas da Ásia Menor nos primeiros séculos do principado –, fica a pergunta se, em vez de apenas demonstrar hostilidade para com o governo e o culto imperial, o episódio não constitui uma indicação de como a comunidade que produziu *Atos de Pedro*, como a maior parte da população da Ásia Menor no século segundo d. C., procurava negociar um lugar para si na sociedade, através da integração com alguns aspectos da cultura imperial romana¹².

Leonard L. Thompson afirma que apesar da tendência da pesquisa moderna ver o culto imperial como a fonte primária de controvérsia das comunidades cristãs primitivas, uma compreensão mais acurada do fato indica que suas atitudes para com o culto imperial são uma extensão da rejeição mais ampla das divindades greco-romanas: o culto imperial era rejeitado como um correlato da rejeição dos cultos tradicionais; as formas tradicionais da religião grega eram centrais e o culto imperial secundário¹³. Philip Harland nota que os judeus e os primeiros cristãos não participavam ativamente dos rituais que envolviam o reconhecimento dos imperadores como deuses, pois as atividades do culto imperial estavam incorporadas nos cultos politeístas maiores. Para esses grupos, o cerne da discórdia era o seu respectivo monoteísmo, não o imperialismo

¹¹ CALLON, 2013, p. 336-337.

¹² CALLON, 2013, p. 332-333.

¹³ THOMPSON, Leonard L. *The Book of Revelation. Apocalypse and Empire*. Oxford: Oxford University Press, 1990, p. 164; PRICE, S. R. F. *Rituals of Power. The Roman imperial cult in Asia Minor*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984, p. 15-16.

*per se*¹⁴. Karl Galinsky afirma que a interligação de manifestações do culto imperial e de outras divindades não tem recebido a atenção devida dos estudiosos do Novo Testamento. Galinsky admite que há exemplos contrários, mas menciona várias inscrições para apoiar a integração do culto, quase sempre na forma de dedicações aos imperadores deificados, junto com as divindades greco-romanos tradicionais¹⁵. Ele reitera a importância de considerar o culto imperial no contexto de sua incorporação a outros cultos, notando que o culto imperial “não pode ser tratado como um fenômeno isolado e, conseqüentemente, um competidor em potencial isolado do Cristianismo”¹⁶.

Os primeiros cristãos foram também acusados de profanar estátuas dos deuses tradicionais. Orígenes, ao se referir à imagem de uma divindade tradicional, afirma que Celso acusa os cristãos de “blasfema-la e golpeá-la”, e observa que os cristãos “publicamente desonram as imagens”¹⁷. Este suposto desrespeito para com as imagens e estátuas pode também ter se estendido às imagens do imperador. Bremmer, apoiando-se em Price, afirma que até mesmo “urinar” próximo à estátua imperial poderia ser causa de execução¹⁸. Tácito afirma que Marcus Granius Marcellus foi levado diante do imperador e acusado de peculato e alta traição por causa da mutilação de uma estátua imperial; há evidências de que o abuso de estátuas de imperadores era levado a sério desde a época de Augusto¹⁹. Mas o episódio da estátua imperial pode também ser uma

¹⁴ HARLAND, Philip A. *Associations, Synagogues, and Congregations: Claiming a place in Ancient Mediterranean Society*. Minneapolis: Fortress Press, 2003, p. 214.

¹⁵ Galinsky menciona uma dedicação aos *Theoi Sebastoi* e *Asclepius* (Pérgamo), um juramento conjunto a Augusto e *Zeus Eleutherios* (Egito), sacrifícios a Zeus e Augustus (Macedônia), sacrifícios a *Asclepius* e aos *Theoi Sebastoi* (Éfeso). Cf. GALINSKY, Karl. “The Cult of the Roman Emperor: Uniter or divider?” In: Jeffrey Brodd and Jonathan L. Reed (eds.). *Rome and Religion: A Cross-Disciplinary Dialogue on the Imperial Cult*. SBL Writings from the Graeco-Roman World. Supplement Series 5. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2011, p. 4-5.

¹⁶ GALINSKY, 2011, p. 5.

¹⁷ Origen, *Contra Celsum* 8.38, 7.32 (Cambridge: Cambridge University Press, 1953).

¹⁸ BREMMER, Jan N. “Aspects of the Acts of Peter: Women, Magic, Place and Date”. In: *The Apocryphal Acts of Peter: Magic, Miracles and Gnosticism*. Louvain: Peeters, 1998, p. 11; PRICE, 1984, p. 194-195.

¹⁹ Filostrato (*Vit. Apoll.* 1,15) afirma que durante o reinado de Tibério a estátua imperial era mais temida e venerada do que a estátua de Zeus, em Olímpia. Mas Filostrato

indicação de acomodação e compromisso com o governo e cultura imperiais, não apenas uma demonstração de hostilidade ao culto imperial. A não hostilidade de *Atos de Pedro* é similar ao comportamento da maior parte da população da Ásia Menor romana, incluindo os judeus e os primeiros grupos cristãos quando representavam a si mesmos em interação com alguns aspectos da cultura imperial²⁰.

Participação nas honras imperiais

Simon Price²¹ afirma que a participação nas honras imperiais não era propaganda imposta aos súditos do império de cima para baixo, mas originava-se de baixo para cima. Ele assinala que, na Ásia Menor, iniciativas para honrar os imperadores eram feitas pela população local, como forma de se apresentar ao poder governante. As elites das cidades conquistadas também adotavam as práticas romanas como tentativa de “adquirir prestígio na cidade a partir da cultura do poder governante”; “o acesso a esta cultura era o caminho crucial para a ascensão dos indivíduos e das comunidades”; a participação nas honras ao imperador não estava limitada às classes altas e as pessoas de determinada cidade participavam dos festivais imperiais. O fenômeno estava difundido e integrado na vida cívica e “a paisagem cultural da Ásia romana estava permeada pelos templos, festivais e rituais que envolviam os imperadores e a família imperial, os *Sebastoi*...” O reconhecimento e a participação no culto imperial na Ásia Menor envolvia toda vida cívica; não era apenas uma prática superficial ligada à vida pública das elites. Como forma de representar a si mesmos ou a cidade ao poder político dominante, os participantes do culto imperial reinterpretavam práticas gregas locais, como o culto ao governante, para refletir a cultura romana.

procura explicar que o que estava em jogo era o conceito de piedade, isto é, profanar a estátua imperial era um “ato de impiedade” e, como tal, uma ofensa digna de punição.

²⁰ CALONN, 2013, p. 338-340.

²¹ PRICE, 1984, 99-101. Cf. também CALLON, 2013, p. 340-341; HARLAND, Philip A. “Imperial Cults within Local Culture Life: Associations in Roman Asia”. In: *AHB* 17, 2003, p. 85-107.

As estátuas imperiais eram erguidas numa cidade principalmente pela população local e não impostas pelas autoridades romanas. A motivação da população para esse procedimento incluía, provavelmente, o desejo de expressar gratidão ao imperador: a estátua era uma honra concedida ao imperador pelos moradores locais. Dessa forma, as imagens não devem ser vistas apenas como propaganda estrangeira que vinha de cima para baixo, mas como reconhecimento ou homenagem de baixo para cima. Price sugere que para a população da Ásia Menor, distante de Roma, era preciso uma forma de criar e manter uma relação positiva com o centro do poder. A estátua imperial, representação visual do imperador, “era central para a expressão de atitudes do culto imperial e ao imperador”²². Entretanto, nem todas as estátuas imperiais eram objeto de culto. Não há indicação de que estátuas permanentes e públicas do imperador como as que eram colocadas num teatro ou praça pública fossem cultuadas, ao contrário das imagens dos templos ou temporariamente erigidas com esse objetivo. Mesmo fora do contexto do culto, as representações do imperador na forma de estátuas podiam incluir atributos que o espectador greco-romano podia associar com uma divindade tradicional²³. Aparentemente, as imagens “seculares” do imperador implicitamente envolviam culto, tornando surpreendente a presença da estátua imperial no átrio da casa de Marcelo.

Phlip Harland²⁴ discorda da tendência da pesquisa que dissocia o cristianismo primitivo de outros grupos ou associações da antiguidade e apresenta os cristãos como radicalmente distintos de seus contemporâneos e dissociados da vida cívica do império. Harland adverte contra o uso de uma tipologia sectária demasiado simplista e sugere que “um cenário complexo semelhante à aculturação, assimilação e dissimilação...

²² As estátuas imperiais representavam a imagem visível da presença onipotente do imperador. O governo e a piedade não estavam separados, nem tampouco os líderes destas atividades eram grupos distintos. Os oficiais do culto imperial e os candidatos às funções governamentais pertenciam às famílias ricas e proeminentes, as quais, entusiasticamente, apoiavam e ajudavam a expandir o culto imperial. Elas conduziam os sacrifícios, subscreviam festivais, construíam templos como parte de seus deveres cívicos, mobilizavam as massas em apoio ao imperador e reforçavam sua própria posição neste processo. Cf. PRICE, 1984, p. 174, 206, 198.

²³ CALLON, 2013, p. 341. PRICE, 1984, p. 172-186.

²⁴ HARLAND, 2003.

deve ser considerado em relação à diversidade de sinagogas e congregações ou indivíduos na *polis* do Oriente Grego. Havia grupos que rejeitavam alguns aspectos dos valores, símbolos, convenções e instituições da cultura greco-romana e da sociedade, mas também mantinham, aceitavam ou adaptavam outros, sem perder sua forma distinta de vida, visão de mundo ou a identidade do grupo”²⁵. Harland afirma que, como outras associações imperiais na Ásia Menor, algumas sinagogas judaicas e as congregações cristãs primitivas podiam estar envolvidas nas convenções da vida cívica que prestavam honras aos imperadores e seus representantes; indica também que os imperadores eram significativos para a vida religiosa interna de algumas sinagogas e assembleias, como fica evidenciado nas orações em favor do imperador e o império²⁶.

Estas ligações com o imperador ou um oficial imperial eram uma forma de aprofundar os interesses dos grupos em questão. Num decreto preservado em Flávio Josefo, Augusto refere-se à “resolução que foi oferecida pelos [judeus desta comunidade] em minha honra, concernente à piedade que mostro a todos os homens”²⁷. Há também exemplos desta flexibilidade de limites entre grupos cristãos. Jenn Cianca²⁸, ao estudar a concepção do espaço sagrado nas igrejas domésticas primitivas, questiona o argumento de que os cristãos primitivos não teriam tolerado culto num espaço decorado com arte politeísta ou que os membros de uma família de uma igreja doméstica não teriam continuado a oferecer sacrifício aos *lares* ou aos seus ancestrais. Ele discute a evidência arqueológica da igreja doméstica em Lullinstone e nota que, no terceiro século, quando os novos proprietários se mudaram para a casa, não somente mantiveram os antigos bustos de mármore deixados pelos donos anteriores, mas também os colocaram num local que era um tipo de prateleira de exposição destas peças. Estes proprietários ainda instalaram dois *vasos*

²⁵ Cf. BARCLAY, John M. G. *Jews in Mediterranean Diaspora. From Alexander to Trajan (323 BCE-117 CE)*. Edinburgh: T & T Clark, 1996; cf. também CALLON, 2013, p. 343.

²⁶ CALLON, 2013, p. 343-344; HARLAND, 2003.

²⁷ CALLON, 2013, p. 344-345; BARCLAY, 1996, p. 330.

²⁸ Cf. CIANCA, Jenn. *Sacred Ritual, Profane Space: The Roman House as Early Christian Meeting Place* (Studies in Christianity and Judaism Series). Montreal: McGill-Queen’s University Press, 2018.

votivos, que emergem do solo “abertos para receber libações”²⁹. Segundo Cianca, é provável que os novos proprietários achavam que estavam diante de bustos de ancestrais e não queriam eliminá-los, seja por medo de ofender os espíritos que podiam retaliar ou, “talvez mais importante, [o medo de] uma perda de status”, dado a natureza privada e pública da celebração pelo(s) morto(s). Quando os vasos votivos foram cobertos ao serem remodelados, dois outros vasos foram colocados na frente destes bustos, ali ficando até a destruição da vila pelo fogo no começo do século V. Cianca adverte que é impossível provar que se ofereciam libações a estes bustos até a destruição da vila, mas eles não foram removidos da posição votiva, então não se pode negar que os ocupantes da casa não sabiam da sua presença, pois estavam localizados na sala onde estava a fonte de água do complexo³⁰.

Assimilação de algumas convenções do Império

A estátua que estava no átrio da casa de Marcelo foi destruída por um “demônio malvadíssimo” que Pedro expulsou do corpo de um jovem que ali se encontrava. A estátua estava na propriedade de Marcelo e, desta forma, suas preocupações com medidas punitivas são compreensíveis. A destruição da imagem ocorre por meio de um poder totalmente negativo, o que faz com que a suposição de que a destruição da estátua indica um sentimento anti-imperial perca sua força, já que é uma personagem negativa que a provoca. De fato, o demônio não é apenas hostil para com a imagem do imperador, mas também a Pedro, fazendo o jovem rir abertamente da sua pregação. Ao destruir a estátua, o demônio provoca aos heróis do texto – Pedro e Marcelo – um problema significativo, se não ameaça de vida, já que profanar uma imagem imperial era um grave crime. O demônio é uma personagem totalmente negativa, em oposição às personagens cristãs pacíficas do texto. Somente ele age contra a imagem imperial³¹.

²⁹ CALLON, 2013, p. 345.

³⁰ CALLON, 2013, p. 346.

³¹ CALLON, 2013, p. 347.

Marcelo é também apresentado como dono de uma estátua imperial. Como indicado antes, os judeus do começo do império procuravam evitar as estátuas imperiais e, provavelmente, muitos cristãos evitaram-nas também por razões similares. Mas Marcelo tem uma estátua no átrio da sua casa, a qual, antes da chegada de Simão e a apostasia de Marcelo, era lugar de encontro e de culto da comunidade cristã. De fato, depois que Simão foi expulso da casa, ela tornou-se novamente lugar de culto, com a estátua restaurada no átrio. Assim, nas comunidades cristãs representadas no texto, onde Pedro prega, milagres são realizados, orações são feitas e visões recebidas são conduzidas perto da estátua imperial. Em outras palavras, as atividades cristãs estão integradas na ordem doméstica romana. Estas duas instâncias, evidentemente, coexistem nos *Atos de Pedro*. Na esfera narrativa *Atos de Pedro* ultrapassa muitas evidências documentais a respeito da assimilação cultural e de honras prestadas ao imperador³².

Ao descrever este episódio *Atos de Pedro* também dá a Pedro e Marcelo uma oportunidade de demonstrar respeito à imagem do imperador no ato de restaurá-la: a restauração da imagem está ligada a e dependente da reintegração de Marcelo na fé e na comunidade cristã. A restauração da estátua é feita “no nome de Jesus”. Embora a figura do imperador esteja subordinada a Jesus, a declaração confessional cristã e da restauração da imagem imperial ocorrem simultaneamente, o que pode demonstrar um esforço para retratar a compatibilidade entre o Cristianismo e o poder imperial. Price observa que as imagens imperiais eram erguidas como forma de gratidão e honra ao imperador. À luz disso, parece que Marcelo é descrito como capaz de honrar o imperador e, simultaneamente, pertencer à comunidade cristã. Similarmente, a construção de estátuas imperiais era um meio de cultivar relações com Roma. Ao descrever o protagonista secundário da obra como proprietário de uma estátua, *Atos de Pedro* estava igualmente interessado em cultivar uma relação positiva com Roma³³.

De todos os relatos de milagres realizados em *Atos de Pedro*, esta é a única instância em que uma substância intermediária, a água, é utilizada.

³² CALLON, 2013, p. 347-348.

³³ CALLON, 2013, p. 348-349.

Todos os outros (milagres) ocorrem por meio de palavras ou imposição de mãos. É, assim, difícil apresentar uma razão sobre o uso da água como algo necessário para a eficácia do milagre, não apenas como propósito narrativo. Tácito relata a prática de “espargir” o templo e a imagem da própria Juno com água. Duncan Fishwick indica descrições de *aspergillia* (ferramenta para aspergir nos rituais) nos altares ligados ao culto imperial³⁴. A observação de Price de que as imagens imperiais assumiam a aparência ou atributos das divindades tradicionais pode ser significativa³⁵. A aparência da estátua não é descrita em detalhes em *Atos de Pedro*, pois imagens do imperador com atributos divinos eram comuns, então podemos supor que os traços imperiais seriam evocados numa audiência antiga que encontrasse a imagem. De qualquer forma, a restauração da estátua com água é benéfica para a imagem do imperador³⁶, assemelhando-se a um ato de culto que pode ser entendido não como uma indicação de hostilidade. Os heróis de *Atos de Pedro* estão engajados em ações que se assemelham ao culto.

Se o culto imperial era visto como problema para alguns cristãos e como uma extensão dos cultos tradicionais, para que esta leitura seja plausível *Atos de Pedro* teria também que demonstrar alguma tolerância para com as divindades greco-romanas tradicionais. Nesse sentido, o incidente que envolve a viúva Eubula parece significativo. *Atos de Pedro* 17 relata como Simão, o vilão da narrativa, rouba a viúva Eubula, que possuía “muito ouro e pérolas de grande valor”. Entre os objetos roubados, havia um “sátiro de ouro”, que Simão planejava vender a um ourives local. A estátua era um objeto de devoção pessoal e, como Bremmer assinala, “Eubula é um típico produto religioso do seu tempo”. Pedro, então, estabelece um plano para recuperar a imagem, sendo instruído para fazê-lo num sonho, devolvê-la a Eubula e salvá-la da destruição³⁷.

O próprio Pedro foi instruído a não tocar a imagem, “para evitar a impureza”; ele refere-se à imagem com o termo “ídolo”. Há uma

³⁴ FISHWICK, Duncan. *The Imperial Cult in Latin West. Studies in the Ruler Cult of the Western Provinces of the Roman Empire*. 3 Vols. Leiden: E. J. Brill, 1987-2005, 3, p. 265, 504.

³⁵ PRICE, 1984, p. 205.

³⁶ CALLON, 2013, p. 349-350.

³⁷ CALLON, 2013, p. 350-351.

justaposição entre o vilão Simão e o herói Pedro e o tratamento dado à imagem: Simão comete um ato que seria visto como sacrilégio pela audiência greco-romana ao roubar a imagem, enquanto Pedro frustra-o ao recuperar a estátua. Este contraste e a ação de Pedro são notáveis quando comparados com outros episódios nos Atos Apócrifos, onde o desrespeito para com as divindades tradicionais é apresentado como louvável e a destruição de suas imagens tidas como algo vitorioso. Pedro é apresentado com alguém tolerante e respeitoso para com o culto imperial e as divindades tradicionais e, alguma forma, como mantenedor da ordem social ao restaurar a estátua destruída por um demônio e ao resgatar um objeto de culto que pertencia a Eubula de Simão, o vilão da narrativa. Parece, portanto, que *Atos de Pedro* 11 prevê uma relação positiva e harmoniosa entre o governo imperial e aquilo que, por um lado, lhe acompanha religiosa e socialmente, e, por outro, o cristianismo, não uma atitude de confronto. Isso, de alguma forma, indica um afastamento substancial dos outros *Atos Apócrifos* e é mais condizente com os diversos níveis de assimilação encontrados entre outros grupos monoteístas daquele período³⁸.

Referências

- BLOCK, Anne Graham. “Political Authority and Cultural Accommodation: Social Diversity and in the *Acts of Paul* and *Acts of Peter*”. In: François Bovon; Anne Graham Block; Christopher R. Matthews (eds.). *The Apocryphal Acts of the Apostles*. Cambridge: Harvard University Press, 1999, p. 145-169.
- BALDWIN, Matthew C. *Whose Acts of Peter*. Text and Historical Context of the Actus Vercellenses. Tese de doutorado. University of Chicago, 2002.
- BARCLAY, John M. G. *Jews in Mediterranean Diaspora. From Alexander to Trajan (323 BCE-117 CE)*. Edinburgh: T & T Clark, 1996.
- BREMMER, Jan N. “Aspects of the Acts of Peter: Women, Magic, Place and Date”. In: *The Apocryphal Acts of Peter: Magic, Miracles and Gnosticism*. Louvain: Peeters, 1998.

³⁸ CALLON, 2013, p. 351-352.

- CALLON, Calie. "Images of the Empire, Imaging the Self: The significance of the Imperial Statue Episode in the Acts of Peter". In: *Harvard Theological Review* 106/3, 2013, p. 331-355.
- CIANCA, Jenn. *Sacred Ritual, Profane Space: The Roman House as Early Christian Meeting Place* (Studies in Christianity and Judaism Series). Montreal: McGill-Queen's University Press, 2018.
- FISHWICK, Duncan. *The Imperial Cult in Latin West*. Studies in the Ruler Cult of the Western Provinces of the Roman Empire. 3 Vols. Leiden: E. J. Brill, 1987-2005.
- GALINSKY, Karl. "The Cult of the Roman Emperor: Uniter or divider?" In: Jeffrey Brodd and Jonathan L. Reed (eds.). *Rome and Religion: A Cross-Disciplinary Dialogue on the Imperial Cult*. SBL Writings from the Graeco-Roman Words. Supplement Series 5. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2011, p. 1-22.
- HARLAND, Philip A. "Imperial Cults within Local Culture Life: Associations in Roman Asia". In: *AHB* 17, 2003, p. 85-107.
- HARLAND, Philip A. *Associations, Synagogues, and Congregations: Claiming a place in Ancient Mediterranean Society*. Minneapolis: Fortress Press, 2003.
- John M. G. Barclay, *Jews in Mediterranean Diaspora. From Alexander to Trajan (323 BCE-117 CE)*. Edinburgh: T & T Clark, 1996.
- ORIGEN, *Contra Celsum*. Cambridge: Cambridge University Press, 1953.
- PERKINS, Judith. *Suffering Self. Pain and narrative representation in the early Christian era*. London & New York: Routledge, 1995.
- POUPON, Gérard Poupon, "Les Actes de Pierre e leur remaniement". In: *ANRW* 2.25.6, 1988, p. 4374-4377.
- PRICE, S. R. F. *Rituals of Power. The Roman imperial cult in Asia Menor*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- RHEE, Helen. *Early Christian Literature. Christ and culture in the second and third centuries*. London: Routledge, 2005.
- THOMAS, Christine M. *The Acts of Peter, Gospel Literature, and the Ancient Novel. Rewriting the Past*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- THOMPSON, Leonard L. *The Book of Revelation. Apocalypse and Empire*. Oxford: Oxford University Press, 1990.